

CHAVES (Vale de Anta)

Vale da Anta é uma freguesia do concelho de Chaves, distrito de Vila Real. A capela da Granjinha dista cerca de 3 km da sede de concelho, na estrada de Soutelo. Sair de Chaves pela avenida Tenente Valadim e depois tomar a avenida Bracara Augusta/N103 durante cerca de 1 km. Virar depois à direita para a rua da Várzea e continuar pela rua da Mina durante cerca de 850 m, seguir pela rua da Amoreira e cerca de 100 m à direita encontra-se a capela da Granjinha.

O enquadramento da capela da Granjinha é periurbano, localizando-se no centro da aldeia, rodeada de pequenas habitações rurais e alguns campos de cultivo. Na margem direita do rio Tâmega, a localidade de Granjinha situa-se a 410 m de altitude e a sudoeste da cidade de Chaves, na área da veiga de Chaves. A paisagem envolvente está profundamente humanizada devido à qualidade agrícola dos solos envolventes onde se identificam hortas, vinhas e leiras para cultivo dispostas em função das linhas de água e do declive das vertentes.

Na atual povoação da Granjinha existem importantes vestígios de uma *villa* romana que se localizava no eixo da via romana XVII, que ligava *Bracara Augusta* a *Aquae Flaviae*. Por esta localidade também passaria um dos caminhos de Santiago cujos peregrinos receberiam apoio nesta capela da Granjinha.

A freguesia de Vale de Anta foi também uma zona de exploração mineira desde a ocupação romana até aos nossos dias, a par de Ardãos, Tresminas e Campo de Jales.

Esta freguesia é também designada como Valdanta ou Vale d'Anta, conforme os autores.

Capela da Granjinha

A ORIGEM DA CAPELA DA GRANJINHA parece residir numa anterior construção da época romana, como parecem demonstrar as sondagens arqueológicas feitas no local, que confirmam ainda a continuidade de ocupação pela alta idade média. A edificação medieval do pequeno templo deve ter ocorrido nos inícios do século XIII, ou mesmo no finais da centúria anterior, conforme os autores.

Não existe documentação escrita que permita esclarecer e fundamentar a história desta pequena capela de estrutura muito simples, de apenas uma nave, pelo que é com base nos elementos remanescentes que se tem vindo a atribuir a feitura do seu portal ao século XIII.

A designação de Granjinha parece relacionar-se com o facto de tanto a capela como a localidade terem feito parte de uma granja do mosteiro cisterciense de Santa Maria do Bouro, como referido nas Memórias Paroquiais de 1758. Nestes registos é declarado que a freguesia de Vale de Anta é da Casa de Bragança. O relator indica que na paróquia havia três ermidas, a de Santa Bárbara, a de Santa Catarina e a de Santa Comba, esta última "no lugar da Granja que fabrica os relligiosos de Nossa Senhora do Bouro por ser granja sua". É sobre esta última que incide este estudo.

A capela da Granjinha, de pequenas dimensões, é formada por nave e cabeceira edificadas à mesma altura e com comprimentos idênticos, apenas distinguíveis externamente pela menor largura desta última e interiormente pela presença do arco triunfal. A fachada oeste apresenta-se, ainda, ligeiramente mais larga que a nave, criando ressaltos visíveis em planta e perceptíveis na elevação dos alçados laterais. Com telhado de duas águas, os paramentos foram edificados em aparelho pseudo-isódomo. No interior, a cobertura é em madeira.

É na fachada oeste da capela que encontramos o elemento mais marcante da edificação. A plástica do portal principal contrasta com a contenção do restante edifício. Composto por duas arquivoltas em cujas aduelas, de arestas vivas, se esculpíram animais fantásticos afrontados inspirados nos modelos bracarenses. Foram esculpidos em ambas as faces das aduelas e ocupam a totalidade do seu quadro. O fecho da arquivolta exterior apresenta uma figura cuja composição se aproxima do tema das *beak-heads*, ou seja, vemos um focinho de animal a segurar um toro com a boca. As impostas ostentam motivos geométricos encaixados, mas difíceis de discernir. As duas arquivoltas são



Perspetiva geral da igreja. Alçado oeste



*Alçado oeste.
Portal*

sustentadas por duas robustas colunas, cujos capitéis exibem temas zoomórficos, vegetalistas e antropomórficos. No desenho destes capitéis identifica-se uma aproximação ao talhe a bisel. Junto do capitel exterior do lado esquerdo do observador vemos um curioso nicho onde se inscreve uma cara, cujo talhe acusa uma clara inspiração local. Também neste capitel exterior vemos uma cara que, tendo em conta não só o tipo de talhe mas também a coloração do granito, parece ser posterior à feitura do portal. Duas mísulas situadas ao nível do topo do portal, denunciam a existência de uma desaparecida estrutura alpendrada. Sobre a empena da fachada ergue-se um pequeno campanário, com apenas um vão.

Muito embora Carlos Alberto Ferreira de Almeida coloque a possibilidade de estarmos diante de uma edificação da época moderna que terá reaproveitado um portal anterior, concebido na época românica, a verdade é que a capela da Granjinha constitui um conjunto que se manifesta particularmente interessante para o estudo do românico português, tardio e ruralizado. A ser assim, a reedificação realizada na época moderna reaproveitou, além do portal e *quiçá* da fachada oeste, o aparelho esquadriado na época medieval. A cornija dos alçados laterais, na nave e na cabeceira, não tem cachorros a sustentá-la e a sua configuração não nos permite propor uma cronologia precisa para a sua feitura.

Contudo, a intervenção da época moderna poderá corresponder à reconstrução da capela-mor atendendo ao facto do seu interior ser extremamente simples e, até, descaracterizado. O interior da abside, caiado de branco, contrasta com o da nave onde persiste o granito aparente que permite visualizar alguma irregularidade ao nível da configuração dos silhares. A confirmar-se esta última hipótese poderemos questionar o porquê da existência de uma estreita fresta com alargamento para o exterior que se rasga no seu lado sul, quando a opção deveria ter recaído sobre um modelo mais comum à época, o dos janelões retangulares com suas grades. Além disso, devemos notar a existência, no lado da Epístola, de um curioso nicho que terá reaproveitado um silhar de remate superior de uma fresta românica, atendendo à sua configuração em arco na parte inferior. Está ricamente decorado com um motivo encordado sobre toro que definem um arco de volta perfeita e, em torno deste, gravam-se motivos fitomórficos e vegetalistas.

Além disso, o arco triunfal mostra-se destituído de qualquer elemento decorativo, sendo apenas marcado pela presença de uma imposta de sabor classicizante.

A capela da Granjinha é um dos mais interessantes templos românicos de Trás-os-Montes. Contrastando com



Portal. Pormenor dos capitéis do lado norte



Portal. Pormenor dos capitéis do lado sul



Interior. Abside. Silhar reaproveitado

a restante fábrica, o portal oeste apresenta uma erudição plástica que se destaca no âmbito regional e que, adotando modelos escultóricos provindos da Sé de Braga, demonstra bem como as formas e os artistas sempre circularam durante a idade média. Além disso, atendendo à geografia onde se implanta esta capela, permite confirmar o prestígio que estes modelos foram alcançando e como são constantemente utilizados. Esta pequena capela é dedicada a Santa Comba, virgem da Borgonha, cujo culto foi difundido pelos beneditinos. A ancestralidade da ocupação do lugar de Granjinha desde o período romano confirma-se ainda pela presença de uma ara romana dedicada aos deuses tutelares

de *Aquae Flaviae* que na década de 1980 suportava uma antiga mesa de altar. Foi declarada Imóvel de Interesse Público em 1971. Não está afeta ao culto.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 104; DIAS, G.J.A.C., 1989, p. 109; LEMOS, F.S., 1988b; MARINHO, A.A.S., 2009, pp. 49-63; MARTINS, J.B., 1994, pp. 149-150; MEM. PAROQ. 1758 (2006), p. 262; PMH, INQ., p. 1527 (de 1258); SIPA; TEIXEIRA, R., 1996, p. 75.